

TRANSFORMANDO RESÍDUOS EM MODA: A CONTRIBUIÇÃO SUSTENTÁVEL DE FRANK E COMAS PELO UPCYCLING

Giulia Minosso de Almeida Pirozi^(*); Rosimeiri Naomi Nagamatsu^(*); Márcio Roberto Ghizzo^(*), Marcelo Capre Dias^(*); Josiany Oenning Favoreto^(*).

Universidade Tecnológica Federal do Paraná; R. Marcílio Dias, 635. CEP: 86812-460. Bairro Jardim Paraíso, Apucarana / PR; e-mail: giuliaminosso@alunos.utfpr.edu.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica e analisar duas marcas brasileiras no contexto da aplicação do desenvolvimento sustentável através das técnicas de upcycling. A pesquisa expõe os impactos da economia linear no setor do vestuário e explora a alternativa sustentável dos processos circulares, com ênfase no upcycling. Como exemplos de criadores que transformam resíduos em moda, são analisadas as jornadas das marcas Frank e Comas, entusiastas do uso de resíduos para a construção de roupas, que utilizam o upcycling para promover inovações no segmento e contribuir positivamente para o meio ambiente. Conclui-se que a fomentação da economia circular oferece benefícios ao minimizar os impactos ambientais por meio da experimentação criativa, resultando em vestimentas únicas com formas inovadoras.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Economia Circular; Upcycling.

Área Temática: Sustentabilidade

1. Introdução

O upcycling tem se popularizado entre as tendências sustentáveis como uma metodologia de produção alinhada com conceitos de slow fashion, economia circular e preservação de recursos, promovendo o desenvolvimento sustentável na moda (Salgueiro, 2021). O termo "desenvolvimento sustentável" foi definido pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento em 1987 como um processo que “atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1991, p. 46).

Assim, um dos principais desafios enfrentados pelo setor de moda é a sustentabilidade. A moda é um fenômeno efêmero, temporal, cultural e antropológico (Lipovetsky, 1989), marcado pelo consumo em massa e pela adoção de um sistema tradicional de produção linear que remonta à Revolução Industrial (MacArthur, 2017; Nunes & Silveira, 2016). Esses fatores culminaram na expansão da capacidade de produção, maior impacto ambiental e, conseqüentemente, aumento da degradação ambiental (Oenning, 2012). A economia da moda, baseada no modelo linear, utiliza recursos não renováveis extraídos da natureza para produzir roupas em larga escala, que são posteriormente descartadas. Estima-se

que mais da metade do que a indústria produz é eliminada em menos de um ano (MacArthur, 2017). Esse método de produção faz com que a indústria da moda seja atualmente a segunda mais poluente do mundo, superada apenas pela indústria do petróleo (Oliveira, 2020).

A economia circular, ao contrário do sistema de produção linear, não descarta nem desvaloriza os recursos; em vez disso, os mantém dentro da cadeia produtiva, reutilizando-os até quando for possível (Oliveira, 2020). Essa abordagem é fundamentada no desenvolvimento sustentável, promovendo a redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, contrastando com a economia linear, pautada no esgotamento de recursos e devastação ambiental causados pela extração acelerada de matérias-primas, seu processamento em produtos, a venda e, finalmente, o descarte desses produtos como resíduos (Benton, Hazell, & Hill, 2014; Laurindo, 2016). No setor da moda, Salgueiro (2021) descreve o desenvolvimento sustentável como um modelo de produção que visa minimizar os impactos sociais e ambientais, evitando o formato linear.

Dessa forma, o upcycling pode ser considerado uma alternativa sustentável que atribui um novo significado e função a materiais que seriam descartados, promovendo a economia circular. Esse processo transforma itens no fim de sua vida útil em algo novo e de maior valor, sem recorrer aos métodos físicos ou químicos típicos da reciclagem (VIALLI, 2013, *apud* PINHEIRO et al., 2018). Sobre a técnica e suas aplicações Gwilt (2014) afirma que:

“Diferente da reciclagem, que pode resultar em depreciação e redução do valor de um material ou produto, o upcycling permite que você aumente o aproveitamento e o valor de um material, prolongando sua vida. A técnica pode ser aplicada no design e na confecção de uma nova peça de roupa ou ser usada para reformar ou remanufaturar uma roupa já existente” (Gwilt, 2014, p.146)

A conceituação de Gwilt expande os parâmetros do upcycling para além do uso de produtos finais, abrangendo também o aproveitamento de resíduos têxteis, como retalhos, aviamentos e sobras de tecidos, que geralmente são descartados durante os processos econômicos tradicionais lineares no setor do vestuário. Pears (2006) argumenta que as roupas se transformam em resíduos quando não servem mais ao corpo de quem as comprou, perdem o apelo visual outrora vigente ou são substituídas por uma versão superior. Segundo estimativas do SEBRAE (2023), o Brasil produz anualmente 170 mil toneladas de resíduos têxteis, incluindo retalhos e descartes de tecido. Deste total, 80% dos resíduos são descartados em aterros sanitários ou no meio ambiente, enquanto apenas 20% são reciclados. Assim,

entendem-se como descartes do segmento de moda tanto peças indesejadas quanto têxteis resultantes dos excedentes de confecções.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para esta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica não sistematizada da literatura relevante sobre desenvolvimento sustentável e produção circular no segmento da moda, com foco nas técnicas de upcycling. Foram realizadas buscas em bases de dados, além de consultas a artigos e livros do acervo próprio. A pesquisa foi embasada em artigos científicos, livros, pesquisas quantitativas, matérias e entrevistas publicadas por veículos de informação especializados na área.

Buscando retratar os dados teóricos coletados durante a pesquisa, observou-se o surgimento de diversas marcas focadas no desenvolvimento sustentável. Para ilustrar esse panorama nacional, analisamos duas marcas brasileiras coordenadas por designers que, ao reconhecerem a nocividade do mercado da moda para o meio ambiente, implementaram economia circular através da técnica de upcycling em suas criações, com o objetivo de reduzir os impactos ambientais e sociais característicos do setor.

A Frank-Sustainable foi uma das marcas que surgiram a partir desses ideais. O fundador, Marcelo Barbosa, desenvolveu o conceito de Frankenstein inspirador das criações ao observar a quantidade de matérias-primas que sobravam de uma produção: “Eram sacos gigantes, que poderiam ocupar um quarto inteiro. Se uma única empresa tinha aquele volume, imagina a cidade, o estado, o país e o mundo?”. O desenvolvimento das experimentações de Marcelo tiveram início ao observar uma colcha de patchwork, herança da bisavó do marido norte-americano. Assim, as peças construídas pela marca são únicas, inicialmente montadas em um trabalho de patchwork que utiliza tecidos esquecidos nos depósitos de confecções e tecelagens, construindo uma estrutura de peça que mesclam diversas cores e estampas criando esse arranjo “frankenstein” que pode ser observado na figura 1-a. Com o crescimento da marca, algumas parcerias surgiram possibilitando o desenvolvimento de peças completas utilizando restos de rolos de tecidos que não seriam mais utilizados, tendo como destino o descarte. (Vogue Brasil, 202; Bazaar Brasil, 2019; Beauty Buzz, 2023)

Figura 1- (a) Criação da marca Frank (b) vestido desenvolvido pela colaboração entre Frank e Le Lis (c) Peças da colaboração entre Comas e Lojas Renner (d) Criação de Fernanda Yamamoto construída com a mentoria do Método Comas

(a)

(b)

(c)

(d)



Fonte: (a) Bazaar Brasil (2019); (b) Beauty Buzz (2023); (c) Bazaar Brasil (2022); (d) Agustina Comas (2023)

Em 2019, a primeira coleção da marca foi apresentada, com peças que partiram de retalhos obtidos no Banco de Tecido, uma iniciativa que coleta sobras de produção de tecelagens, confecções e ateliês e opera com um sistema de troca e venda. Já a segunda leva de criações, lançada no fim de 2020, partiu do uso do arquivo morto doado pela tecelagem HJ Têxtil. No ano de 2023, em parceria com a marca Le Lis, o designer elaborou peças utilizando restos de rolos de tecidos doados pela marca brasileira. Marcelo manteve a linguagem estética estabelecida da marca, introduzindo seus princípios sustentáveis de criação no projeto, o resultado dessa colaboração pode ser observado na figura 1-b

Assim como a Frank, a marca homônima Comas, da uruguaia Agustina Comas, viu no descarte do segmento uma oportunidade de desenvolvimento sustentável, implementando na sua cadeia de produção a economia circular a partir do reaproveitamento de camisas, jeans e malharia circular descartados. Inicialmente o projeto de Agustina contava com a recuperação e recolocação de camisarias que não passam pelo controle de qualidade das fábricas. Enquanto trabalhava na marca masculina Daslu, a fundadora da marca viu a possibilidade de criar com resíduos ao reconhecer os impactos gerados pela produção de vestuário “Fiquei paralisada quando comecei a pensar em todo o lixo gerado e no estrago que isso poderia causar”. Além das coleções desenvolvidas, que chegaram até a passarela do Brasil Eco Fashion Week em 2020, a designer realiza mentorias, oficinas e consultorias para outras marcas que buscam inserir a prática do upcycling em seus produtos, difundindo o desenvolvimento sustentável na indústria da moda.

Um dos parceiros do projeto Comas foi o Instituto Renner, que inicialmente utilizou a colaboração para capacitar grupos de empreendedoras nas técnicas de upcycling, aplicando-as em peças oriundas do processo de logística reversa da Renner, que são doadas a elas como matéria-prima, possibilitando a autonomia financeira das participantes. Em 2022, reforçando a

parceria com as Lojas Renner, Agustina desenvolveu uma coleção de upcycling inserida como a quinta coleção e primeira colaboração da linha Re Jeans da marca, que incorpora atributos responsáveis às peças como a utilização de algodão certificado, fio reciclado e redução do consumo de água na produção. As criações foram desenvolvidas a partir de peças já existentes e retalhos gerados no processo produtivo da indústria têxtil, transformando-os em novos produtos. As 17 peças da colaboração são desenvolvidas com a aplicação de diversos acabamentos pela designer, de forma coesa, com o objetivo de criar texturas e volumetrias únicas em cada peça (figura 1-c). (Bazzar Brasil, 2022; Vogue Brasil 2021)

Atualmente a marca não produz mais peças próprias, trabalhando com prestação de serviço e colaborações para outras empresas do setor, implementando o Método Comas “Minha proposta é levar um olhar de circularidade para dentro da sua empresa, implementar sistemas e processos que vão aproveitar de forma inteligente o que você já tem”. Dessa forma a designer tem a oportunidade de implementar o desenvolvimento sustentável a partir da circularidade de materiais dentro das produções de diversas confecções. Um exemplo de seu trabalho, foi a mentoria realizada junto a diretora criativa Fernanda Yamamoto, que resultou em uma linha de upcycling, a partir do reúso de tecidos, e criações peças com modelagens zero desperdício, dentro da marca de slow fashion de mesmo nome “Fernanda Yamamoto” (figura 1-d) (Agustina Comas)

3. Conclusões

A partir da metodologia adotada, foi possível concluir os benefícios ambientais, sociais e estéticos decorrentes da implementação de um sistema econômico circular voltado para o reaproveitamento de resíduos do segmento da moda nacional. A reinserção de materiais restantes dos processos da economia linear, viabiliza a usabilidade de praticamente todos os materiais, transformando os resíduos de uma marca na matéria-prima de outra. A difusão das técnicas de upcycling realizadas por Marcelo Barbosa e Agustina Comas, permite que outras marcas reconheçam em seus excedentes a possibilidade de transformação, evitando assim, o aumento da degradação ambiental, decorrente do enorme descarte de resíduos, característico do setor do vestuário.

Além da minimização dos impactos ambientais e sociais, a experimentação da técnica pode ser observada como um exercício da criatividade, um estudo de construção de formas, aplicações e materiais inovadores que resultam em um produto único, carregado de simbolismo e ideias.

4. Referências

Adote práticas para diminuir resíduos na produção de moda. SEBRAE, 22 set. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/adote-praticas-para-diminuir-residuos-na-producao-de-moda,d37cae21e224f410VgnVCM1000004c00210aRCRD#>. Acesso em: 24 ago. 2024.

AGUSTINA COMAS. Método Comas, 2023. Disponível em: <https://www.agustinacomas.com/>; Acesso em: 24 ago. 2024

BENTON, D., HAZELL, j., & HILL, J. The Guide to the Circular Economy. New York, USA: GreenLeaf Publishing Limited, 2014.

BRUNDTLAND, G. H. Nosso futuro comum: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

GWILT, Alison. Moda sustentável: um guia prático. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. 176p. Tradução de Márcia Longarço.

JUSTUM, Sylvain. Upcycling raiz: conheça a Comas, marca que reaproveita peças descartadas para criar novas roupas. Vogue Brasil, 07 fev. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/premio-muda/noticia/2021/02/upcycling-raiz-conheca-comas-marca-que-reaproveita-pecas-descartadas-para-criar-novas-roupas.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.

LAURINDO, Michelly. A Viabilidade da Economia Circular à Luz da Política Nacional de Resíduos Sólidos: Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010. 2016. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Lipovetsky, G. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas Lisboa, Portugal: Alfragide, 1989.

MACARTHUR, E. A New Textiles Economy. 2017. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/publications/A-New-Textiles-Economy-Full-Report.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024

MATTOS, Helena. Beauty Buzz, 2023. Le Lis e Frank-Sustainable se unem em coleção sustentável. Disponível em: <https://beautybuzz.com.br/2023/10/18/le-lis-e-frank-sustainable-se-unem-em-colecao-sustentavel/>. Acesso em: 24 ago. 2024

MELLO, Paula. Upcycling: conheça a Frank, marca que utiliza sobras de tecido para fazer um lindo trabalho de patchwork. Vogue Brasil, 28 mar. 2021. Moda. Acesso em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2021/03/upcycling-conheca-frank-marca-que-utiliza-sobras-de-tecido-para-fazer-um-lindo-trabalho-de-patchwork.html>. Disponível em: 24 ago. 2024.

NUNES, M. P., & SILVEIRA, G. A. Análise das Motivações do Consumidor de Fast Fashion. In. Revista de Administração IMED. Passo Fundo/RS, 56-71.108 ONU. The Millennium Development Goals Report asdf UNITED NATIONS. New York, 2016

OENNING, Josiany. Slow Fashion: um caminho possível para o Design de Moda Sustentável. Tese (Mestrado) - Especialização Design e Marketing Têxtil, Design e Marketing, Universidade do Minho, p. 163, 2012.

OLIVEIRA, Yasmin Medeiros de. Comportamento de consumo de moda circular dos millennials. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, Universidade Europeia, p. 127, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/35138>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PEARS, K. E. Fashion Re-consumption; developing a sustainable fashion consumption practice influenced by sustainability and consumption theory. Thesis of Master of Arts, RMIT University, 2006.

PILZ, R. Entrevista concedida a Salvo News, Reino Unido, nº 23, p. 11-14, Outubro, 1994.

PINHEIRO, C. M.; STEINHAUS, C.; CHERUTTI, M. Um estudo sobre terminologias de sustentabilidade na moda. In: IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte. São Paulo, Vol. 10 n. 1 – Dezembro. 2018, p. 23: Centro Universitário Senac. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiaara/wpcontent/uploads/2018/12/IARA-2.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

REDAÇÃO BAZZAR. Frank Studio aproveita retalhos e cria moda coerente. Bazaar Brasil, 18 dez. 2019. Moda. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/moda/frank-studio-aproveita-retalhos-e-cria-moda-coerente/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

REDAÇÃO BAZZAR. Renner e Agustina Comas se unem em coleção de upcycling. Bazaar Brasil, 11 out. 2022. Bazaar Green. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/bazaar-green/renner-e-agustina-comas-se-unem-em-colecao-de-upcycling/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SALGUEIRO, Rafaela; LIMA, Rita de Cássia Pereira, Contribuições da Teoria das Representações Sociais para (Re)Pensar o Upcycling na Área da Moda. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, 2021, v. 5 n. 2, ISSN 2594-4630, pp. 188 - 208.

5. Agradecimentos

Agradecimentos à Universidade Tecnológica Federal do Paraná.